

CDU 869.0(81) Lima Barreto: 92

**LIMA BARRETO:
A PROPÓSITO DO SEU CENTENÁRIO**

Fundação Joaquim Nabuco
Biblioteca Central Blanche Knopf
DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA AO USUÁRIO
Rua Poço Preto, 92 - Apipicó
50.000 - Recife - PE

Gilberto Freyre
*Sociólogo-antropólogo
Presidente do Conselho Diretor
da Fundação Joaquim Nabuco*

JN-00010057-1

Convoca-me a Fundação Joaquim Nabuco, pela voz persuasiva de um dos seus ilustres superintendentes, Mestre Edson Nery da Fonseca, para aqui proferir conferência comemorativa: esta comemoração, dentro de abrangente evocação do Treze de Maio, a de uma figura de escritor afro-brasileiro que se antecipou em desejar escrever uma história social da escravidão no Brasil. Essa figura, para mim, uma das maiores e menos recordadas ou louvadas ou glorificadas da literatura brasileira. Um brasileiríssimo mulato escuro que hoje, só por isto, não se sentiria, creio eu, tão socialmente desajustado ou marginalizado num Brasil, agora mesmo, voltado para a glorificação do pretíssimo, embora seduzido por névoas e alvuras simbólicas, Cruz e Souza, pelo puro fato de ser, como escritor, mulato mais escuro do que o, nos seus dias, glorificadíssimo Machado de Assis.

A não ser que pretendesse mais do que ser o escritor de garra que foi, chegar, por tola vaidade, à condição de Ministro de Estado, para a qual é, atualmente, convenção dominante um quase total negativo a brasileiros de cor. Nada de Ministro de Estado que não seja, ou não aparente ser, ariano puro. Ou que, em vez de macho, seja fêmea. O que coloca a atual República em situação inferior ao Império, sob tantos aspectos — este, um deles — exemplar, de Pedro II. Pois o Império teve ministros de Estado e diplomatas, ostensivamente homens de cor. Teve titulares mulatos. E foi durante o Império que o Brasil se fez notar, na Europa, por uma figura de mulher intelectual: Nísia Floresta. E dentro do país, por

outra figura de mulher, esta, governante do Império em ausências do Imperador: a Princesa Isabel.

Os tempos sociais, tanto quanto os espaços sociais, atuam fortemente sobre a maior ou menor força de preconceitos: inclusive sobre o preconceito de raça, ou de cor, tanto quanto sobre o preconceito de sexo. Vêm sendo — com surpreendentes exceções, dentro deles — preconceitos caracteristicamente situados ou condicionados, embora nunca fatalmente determinados ou determinantes. O referido Pedro II quando entendeu, com cautelas vitorianas, juntar uma amadíssima amante, à Sua Majestade a Imperatriz, sua digníssima e virtuosíssima esposa, preferindo a uma ilustre dama lapougeamente loura como a Baronesa da Estrela — que ainda tive o gosto de conhecer e de concluir, de confidências que dela ouvi, haver, com ardor feminino, desejado essa preferência — mulher menos puramente caucásica, quem escolheu? Brasileira também de alta categoria social, na Corte, mas, em vez de loura — como essa ilustre Baronesa — brasileiromente tocada, na sua beleza e na sua graça excepcional de mulher, pelo, para puristas de raça, da época ou de tempo posterior — entre eles, o escritor e pernambucano Alberto Rangel, discípulo de Euclides da Cunha — nefando sangue afro-negro. Preferência a favor do brasileirismo de monarca de quem a malficia de alguns pretende ter sido expulso do Brasil, não como o pai, por não ser nato, mas por não ter sido ainda mulato.

Lima Barreto surgiu, como escritor, não no Império de um Pedro II amicíssimo dos Rebouças e de outros brasileiros, também magnificamente ilustres, homens de cor — inclusive intelectuais, também de cor, nascidos filhos de escravas e gloriosos pelas suas realizações — mas na República de 89, com seu muito apregoado igualitarismo. De todo indiferente, porém, essa República, ao problema da integração do ex-escravo num novo tipo de sociedade brasileira. Grande fracasso dos ideólogos Positivistas tão influentes na formação do novo régimen.

Não me parece, porém, exato o crítico, aliás, por vezes, admirável, Agripino Grieco, ao atribuir a dipsomania de que sofreu Lima Barreto — parece que, por hereditariedade de família, predisposto a doenças nervosas — ao desgosto ou à dor ou à humilhação de ser mulato socialmente rejeitado por esse fato. O que nele teria dominado — destaque-se de início — teria sido um intimíssimo complexo a agir sobre sua sensibilidade de dentro para fora: o recalque de não ter nascido, não apenas branco, mas pré-rafaelitamente louríssimo e alvíssimo. Tendo sido homem muito mais de paixão literária do que de ambição política, a inteligência, em Lima Barreto tão aguda quanto a sensibilidade, devia advertí-lo de que, por mais difícil que lhe fosse então — como, aliás, seria ainda hoje — ser Ministro de Estado — posição, então, como agora, tão aberta a mediocridades —

poderia vir a ser, fosse mais apolinicamente ou machadianamente ordenado no viver e no escrever, além de homem de melhor saúde e de menor obsessão pelo tipo, para ele idealmente estético e eugênico de anjo pré-rafaelita, outro tranqüilamente glorioso Machado de Assis. Isto é: outro príncipe da literatura brasileira, com brancos puros, como Graça Aranha, e louros finos, como Lauro Muller, como seus cortesãos: alguns dentro da própria Academia Brasileira de Letras. E até como príncipe do poder político, outro Nilo Peçanha ou outro Francisco Glicério, quase tão mestiços quanto ele. Apenas um pouco mais claros.

Curioso que Lima Barreto não tenha feito de brasileiro com evidente sangue afro-negro, herói ostensivo — Clara dos Anjos, à parte — de um dos seus maiores romances sociais. Ele poderia ter, com muito maior vigor literário do que seu contemporâneo Adolfo Caminha, escrito outro *O Bom Creoulo* através da pessoa de outro Gonzaga de Sá. Ou um mais expressivamente literário que zolaescamente parassociológico *O Mulato*, que o do seu predecessor, no tempo, Aluísio de Azevedo. Preferiu quase evitar, como, aliás, Machado de Assis — este de modo sistemático — na caracterização de seus personagens principais — fora, portanto, dos “pardavascos” surpreendidos por Grieco — específica identificação étnica, antecipando-se em ser, tanto através de Policarpo Quaresma, como de Gonzaga de Sá e de Isaias Caminha, brasileiríssimamente metarracial nas suas perspectivas de heróis: heróis sócio-situacionalmente, isto sim, suburbanos, quase à revelia de suas condições especificamente étnicas. Preferiu quase ignorar, nos brasileiros seus principais personagens, cor ou raça, para acentuar neles sentimentos e modos de vivência e convivência, não só nacional como, até, nacionalisticamente brasileiros. Patrióticos, mesmo. O que tira aos atuais e escassos adeptos, em São Paulo, talvez por estímulos vindos de fora, de uma retórica e não-brasileira “negritude” — não-brasileira e de todo diferente da proclamada pelo mais lúcido dos intelectuais e políticos afro-negros de hoje, o senegalês Leopold Senghor — Senghor: talvez o maior estadista, branco ou de cor, dos nossos dias e entusiasta da miscigenação brasileira — o prazer de poderem colocar em nicho de sua seita, a figura brasileiríssima de Lima Barreto. Só num ponto me parece ter falhado a sua integral brasileiridade: em não ter aderido ao futebol brasileiro, como não aderiu a outros entusiasmos de sua época: o culto do ruibarbosismo e o do josedopatrocínismo. Repudiou Ruy quase tanto quanto a Graça Aranha. Suas grandes afinidades com intelectuais brasileiros do seu tempo parece terem sido com o quixotesco Oliveira Lima prestes, aliás, a romper com a Academia Brasileira de Letras, e com Monteiro Lobato. Também é possível que lhe repugnassem o também muito brasileiro jogo-de-bicho. E é possível que para mulher, como ele, de cor, preferisse uma “francesa”, como o afro-negro Senghor — a dele, Lima Barreto, talvez, afro-carioca de subúrbio. Portanto, menos parisiensemente elegante que com alguma coisa, sendo nórdica, daqueles anjos pré-rafaelitas tão da sua adoração, entre mística e estética; ou alemã, como a esposa ilus-

tre de Juliano Moreira, afro-baiano; ou portuguesa, como a admirável, de Machado de Assis: o afro-carioca Machado.

Insisto, entretanto, em que, com mais sensibilidade autobiográfica que Jorge Amado, em *Jubiabá*, ou José Lins do Rego, em *O Moleque Ricardo*, Lima Barreto poderia ter nos deixado em novela, um equivalente afro-negro do *Gaetaninho*, de Alcântara Machado, em relação ao brasileiro italo-paulista. Equivalente desse italo-paulista e do "amarelinho", em quem, no *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna simboliza com vigor teatral a astúcia do sertanejo de aparência insignificante, de físico franzino e de condição humilde, que, para a imaginação popular, em várias camadas da População brasileira, é aquele herói ou aquele "camões" com c minúsculo, que, aliás, antes de assim focalizado em literatura de ficção ou em arte de brilhante teatrólogo, já fora identificado por analista sociológico — tipo de analista de que se aproximou um Lima Barreto, ao que parece, nunca de todo satisfeito de ser somente ficcionista literário — em ensaio, a seu modo, também literário. Exemplo de como, por vezes, se interpenetram o literário e o não-literário, em obras a que só o tempo poderá definir como principalmente deste ou daquele caráter.

A literatura brasileira especificamente literária — ensaios, poemas, contos, romances, dramas — não faltam obras em que problemas, conflitos, temas psicossociais, sociológicos, políticos, têm sido não só apresentados como analisados, por vezes quase sociologicamente. É o caso do que ocorre com o problema de imaginado brasileiro ilustre, filho de mãe de cor, que José de Alencar tomou para tema do seu drama *Mãe*: drama tão digno de ser representado nos nossos dias. É o caso de certos conflitos psicossociais analisados por Machado de Assis em contos e romances com uma penetração que chega, por vezes, a superar a dos analistas científicos que, entre nós, versaram tais assuntos antes dele ou os têm considerado, depois dele. Que maior e mais brasileiro personagem de ficção brasileira que a talvez oitavona Capitu? Quase uma Gioconda brasileira através de um sorriso não menos sutil que o da Gioconda europeia. Sorriso giocondiano que não haveria talvez excesso de ousadia psicossocial em ser atribuído a essa linda brasileira dos nossos dias que é Sônia Braga. Uma Sônia Braga para uns, exageradamente "sexy". Para outros, talvez de difícil classificação: até que ponto, nesse exagero, será vítima da desbragada comercialização da sexualidade nas modernas televisões brasileiras?

Outro ponto: terá tido, até hoje, Machado de Assis — como Lima Barreto, brasileiro de cor — a repercussão que era de esperar que tivesse? Parece que não. Mas também não a está tendo o muito branco Joaquim Nabuco. Nenhum deles superou até hoje, em repercussão, a José de Alencar.

Escritores e públicos nacionais nem sempre se ajustam uns aos outros. Poe precisou de uma consagração francesa para ser reconhecido pelos seus compatriotas. Em Proust, a crítica inglesa antecipou-se à francesa em reconhecer o valor extraordinário. Whitman, nem depois de exaltado pelos europeus, tornou-se o poeta nacional dos Estados Unidos que tanto desejou ser. Assinale-se, de passagem, não ter sido de todo insignificante sua repercussão entre escritores brasileiros. Um deles, o Ronald de Carvalho de *Toda a América*.

Grande Whitman. A propósito dele: o Brasil não parece ter produzido um equivalente do autor de *Leaves of Grass*, na exaltação, entre lírica e épica, de sua democracia: inclusive de sua aproximação de uma democracia étnica, que, queiram ou não queiram alguns dos seus críticos, é a maior, como aproximação, já atingida por uma sociedade nacional historicamente identificável. O eloquente Castro Alves? Não chegou a tanto. Mas, por outro lado, pode-se afirmar que excede, a Whitman, como épico quase nacional, o Euclýdes da Cunha de *Os Sertões*, com relação ao Brasil: um ensaísta tão potente, pelo que nele é vigor de uma prosa de ensaio paracientífico — e esse ensaio paracientífico, de exaltação de um sertanejo pouco tocado de sangue afro-negro, antes quase-branco, acaboclado — da qual dificilmente se encontra exato equivalente na língua inglesa dos Estados Unidos.

O que se diz para voltar-se ao afro-brasileiro Lima Barreto. Terá Lima Barreto — desprendido de ideologismos convencionais, dado seu muito pessoal pendor anarquista — se afirmado tanto, na literatura brasileira, como escritor de origem afro-nega de valor superiormente literário, como na literatura estadunidense se afirmaram nos nossos dias Richard Wright e James Weldon Johnson? A pergunta exige resposta discriminadora, envolvendo, como envolve, o problema de equivalência de situações literárias em duas literaturas diferentes, embora ambas com indivíduos de superior talento de origem afro-negra, entre seus homens de letras. Pois, no Brasil, não há, nem tem havido, dentro do contexto brasileiro, social ou de cultura, um específico “negro” como nos Estados Unidos um “American Negro” — mesmo quando quase branco, como o herói de *Autobiography of an ex-colored Man*, à parte do estadunidense de origem caucásica. Este por excelência o cidadão de pleno direito da grande República e por algum tempo seu exclusivo cidadão. Não só, o “American Negro” estadunidense é minoria étnica — essa minoria quase uma nação à parte, subjugada e revoltada contra a nação detentora daquele poder político, há pouco brilhantemente caracterizado, em conferência proferida na Fundação Nabuco pelo psicólogo social Sílvio Ferreira — dentro de uma maioria, como uma como que sub-raça endurecida em gente dominada em face de outra, dominadora. Situação que só em época recente vem se alterando naquele país. Enquanto no Brasil nunca sociologicamente houve, nem há autenticamente, um específico, segregado, “negro brasileiro” à parte do homem nacionalmente brasileiro. E sim brasileiros negros.

Lima Barreto — brasileiro afro-negro mas não afro-negro brasileiro — não nos deixou, como James Weldon Johnson, uma autobiografia na qual, segundo Lewis A. Coser, na sua excelente antologia *Sociology through literature* (Prentice Hall 1963), transparece o fato, tão característico dos Estados Unidos, e tão absurdo para olhos brasileiros, de até aparentes brancos serem classificados como negros. Desconhece o estadunidense o brasileiro sociológico do pardo, mesmo escuro, ser classificado como moreno e, como tal, equivalente de branco total. Fato de imensa importância, além de socioantropológica, política. Base da crescente tendência do brasileiro para sentir-se metarracial.

Registrou Lima Barreto, num diário, inteligentemente publicado pelo escritor Francisco de Assis Barbosa — para o qual escrevi o prefácio solicitado pelo biógrafo do admirável afro-brasileiro — suas experiências de brasileiro dessa origem, menos ressentido com algumas das rejeições sociais por ele experimentadas — como a de ser por muitos tomado como “contínuo” — do que como vítima do seu íntimo e quase místico desejo de ser branquíssimo: pré-rafaelitamente branco. Várias das rejeições sociais é provável que experimentadas menos pelo puro fato de ser mulato; do que por sua condição de indivíduo se não desagradavelmente cacogênico, disgênico; de traje sempre mal cuidado; quase sempre, segundo alguns testemunhos, sujo; quase sempre, bêbado; de origem socialmente desprezível — a escravocrata, aguçada por essas aparências negativas. Diferente, portanto, não só de um quase tão mulato como ele, e quase do mesmo tempo social brasileiro, Oliveira Viana, eugênico, sempre bem vestido e sempre bem acolhido em meios sociais dos mais finos. E que, assim festejado, chegou ao requinte de constituir-se, como sociólogo ilustre, em arianista.

Em Lima Barreto, a aguda sensibilidade completada pela incomum formação literária, não deixou de o advertir da circunstância de sua condição de homem de cor, descompensada por encantos ou atrativos não só de personalidade como de boa situação econômica, concorrer para sua inferiorização social no Brasil de seu tempo. Pois não lhe faltando o que em inglês intraduzível se chama “insight” — “insight”, no seu caso, não só pessoal como literário — é de supor ter surpreendido gestos incompletos e meias palavras, insinuando rejeição, da parte de uns tantos brasileiros bem situados sócio-economicamente na vida e essa situação vantajosa acentuada pelas insígnias étnicas de gente tida geralmente como superior. Gestos incompletos e meias palavras que Lima Barreto terá completado, por vezes, ou totalizado, dizendo-se a si próprio: “És um inferior”. Como quase todo brasileiro intelectualizado da sua época, terá lido o seu *Le Bon* e o lido considerando-o mestre de uma emergente sociologia transcomtiana. É possível que daí lhe viesse a reflexão: “Olha, Lima Barreto, tu não passas de um ente biologicamente inferior como mestiço. Tu és um mestiço, Lima Barreto! É a

sociologia ou a antropologia científica que diz. Tu não chegas a ser um branco dos para teu gosto apenas subbrancos: tu és, como mestiço negróide, a negação violenta do teu adorado superbranco do tipo dos anjos pré-rafaelitas”.

Ao considerar em Lima Barreto o escritor público que foi — como escritor, ficcionista, sem nunca ter deixado de ser jornalista, e esse jornalista com evidente ânimo polémico e, junto a esse ânimo, a tendência para aquela agressividade tão do também mestiço, igualmente escritor vigoroso, quase da mesma época, mas nunca ficcionista, o meu amigo Antônio Torres — não sei separar esse escritor, esse intelectual, esse jornalista, do Lima Barreto pessoa humana. A pessoa humana que está no seu já citado *Diário Íntimo*. *Diário Íntimo* que repito ter prefaciado a pedido do hoje eminente acadêmico Francisco de Assis Barbosa, que, ainda jovem, constituiu-se em lúcido biógrafo, analista e intérprete — intérprete máximo — de Afonso Henriques Lima Barreto. Isto através de uma das mais bem realizadas biografias de escritor em língua portuguesa. Quanto ao *Diário Íntimo*, *memórias*, assinale-se da edição prefaciada por mim, ter surgido em 1956, em São Paulo, (Brasiliense).

As confidências de Lima Barreto que constam desse valioso diário, li-as, para escrever o prefácio, como quem lesse confidências quase de confissão. Defrontando-me, por vezes, com um brasileiro angustiado, menos de fora para dentro, do que de dentro para fora, com sua condição pessoal, e verificando que esse ficcionista, mais à maneira russa que à francesa, talvez tenha desejado, muito mais do que escrever ficção — no que se revelaria, magistral — ter dado ao Brasil um grande livro de história intimamente social, e essa história social, em grande parte, entre épica, ao mesmo tempo que íntima — “l’histoire intime, ce roman vrai”, da caracterização dos Goncourt — ao qual viria a assemelhar-se *Casa-Grande & Senzala* seguido por *Sobrados e Mucambos* e por *Ordem e Progresso*. Que diz a respeito Lima Barreto no seu livro de confidências? Isto: “No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nacionalidade*”. E especificando o que seria não exatamente uma história mas “uma espécie de *Germinal* negro”: “Registro aqui uma idéia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro com mais psicologia especial e mais sopro de epopéia . . . Como exija pesquisa variada de impressões e eu queria que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde. Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas idéias que me perseguem de pintar e fazer viver a vida escrava com os processos modernos de romance e o grande amor que me inspira — pudera! — a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos sabores, descomposturas que não sei se me poderei me pôr acima delas . . . Ah, se eu alcanço realizar essa idéia, que glória também!

Enorme, extraordinária e — quem sabe? — uma fama européia. Se eu conseguir ler esta nota daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver! Deus me ajude!”

Essa confissão muito significativa, do que, no escritor Lima Barreto, era uma constante a presença do homem-pessoa, do brasileiro de origem afro-negra e, como tal, descendente de escravo, destaquei-a naquele meu prefácio ao *Diário Íntimo*, comentando que, para realizar aquele seu empenho, também pessoal, autobiográfico, lírico, ao mesmo tempo que dramático, em termos de estudo histórico ou de “romance a Zola” — pesquisado, portanto — talvez lhe faltasse “sistema de estudo ou critério de pesquisa”. A respeito do que, citei, no mesmo prefácio, o filósofo inglês Whitehead: o de ser preciso haver, para a realização de certos arrojais intelectuais — como o imaginado por Lima Barreto com relação à traumática experiência da escravidão sofrida pelo Brasil, quando agrária e decisivamente patriarcal, unir, o autor, imaginação e conhecimento. Pois segundo o pensador inglês, “fools act on imagination without knowledge and pedants act on knowledge without imagination”.

Para tal arrojio, a Lima Barreto não viria faltar, além da imaginação literária, a capacidade empática de ele próprio poder compreender melhor que um Joaquim Nabuco, o antigo escravo brasileiro, através da sua condição de filho ou neto de escrava. Mas o conhecimento, além de intuitivo, sistemático, de fatos socialmente históricos, ele o teria de adquirir, através de um criativo esforço não só de pesquisa como de interpretação, além de pessoal, transpessoal, para a autobiografia individual tornar-se epicamente coletiva. Um transpessoalismo que o resguardasse de excessos emocionais de indivíduo. Essa transpessoalidade, será que ele a teria atingido? Será que, tivesse chegado à década 30, ele teria encontrado um livro semelhante ao que tencionou escrever, em *Casa-Grande & Senzala*, como pareceu encontrá-lo o grande crítico europeu desse livro, o suíço Blaise Cendrars, desencantado com o excessivo e passivo europeísmo eurocêntrico dos modernistas da Semana de Arte Moderna de São Paulo?

Note-se que, de qualquer modo, o desejo de chegar a escrever tão difícil obra-prima — como ela próprio a considerava — foi uma constante em Lima Barreto. É o que indicam outros registros no *Diário Íntimo*. Assim, indo em 1908, diante de “colunas e varanda de parapeito” de velhas casas, lembrou-se dos avós escravos”: particularmente da avó materna, Geraldina, cria de uns Pereira de Carvalho. Sem deixar de anotar sua impressão da “grande casa solarenga”, isto é, de senhores, especifica já estar ela, quando a conheceu, em ruínas; e já extinta a família senhoril — “a grande família” — de cuja escravatura saiu sua avó. Registro que talvez expresse, sem ele aperceber-se de tal significado, uma espécie de vingança biológica: a de sua família suburbana, de descendentes de escla-

vos, ter sobrevivido, enquanto "a grande família" de que a avó fora escrava, como "grande família", ter se arruinado.

O que não parece ter impedido Lima Barreto de, por vezes, confessar, no seu diário: "É triste não ser branco". Mais: ao deparar-se, no mesmo ano de 1908, com marinheiros anglo-americanos, da grande esquadra que então visitou o Rio de Janeiro, descobriu com tal encanto, entre esses jovens branquíssimos, fisionomias saxônicas, segundo ele, tão lindas, que lhe lembraram "reproduções dos quadros dos pré-rafaelitas". E por outra espécie de vingança biológica, chega a confrontar tais fisionomias com as de brancos locais como se confrontasse brancos imperfeitos, merecedores de desdém, com brancos perfeitos. E nesse confronto, atinge o mulato, ele próprio, mestiço doente, um êxtase quase de sublimação homossexual: "Nunca vi nas mais lindas mulheres brancas daqui" — isto é, de um Rio de Janeiro cheio de mulheres bonitas — "o tom doce de uma fisionomia de marinheiro que me caiu sob os olhos!" É que, a insatisfação mais profunda de Lima Barreto, a mais surgida de dentro para fora, não parece ter sido a de simplesmente não ser branco. É sim a de não ser pré-rafaelitamente, angélicamente, superiormente, branquíssimo.

Lembro-me de êxtase quase igual, de meu amigo, Antônio Torres — outro mulato brasileiro de tendências boêmias, embora com a dipsomania sempre sob controle — em Berlim, ao defrontar-se, à porta de uma igreja luterana, na qual tínhamos entrado, ele e eu, supondo-a Católica Romana. Torres não se conteve diante de belos tipos germânicos com os quais fomos cruzando: era sob o domínio desses belos homens germânicos que ele, foi o que me disse — quisera ver o Brasil. Uma opção estética ou eugênica, à qual opus — ele me ouviu quase arrependido do seu rompante — a felicidade, para o Brasil, de ter sido português, ibérico, latino na sua formação; e dessa espécie de formação ter resultado uma população miscigenada na qual vinham surgindo, além de criativas inteligências — a do próprio Torres — belas figuras humanas: sobretudo de mulheres mestiças. Mas também — acrescentei — de homens, entre os quais lembrei aquele que durante algum tempo Torres — de início, padre Católico — tivera como seu Cardeal-Arcebispo no Rio de Janeiro: o Cardeal Joaquim Arcoverde. Mestiço de ameríndio tanto quanto — lembrei outro exemplo de mestiço eugênico, este de afro-negro — Juliano Moreira: verdadeira figura de príncipe. Além dos muitos oitavões e quadradões brasileiros capazes de ganhar prêmios em concursos de indivíduos mais saudavelmente eugênicos e mais impressionantemente estéticos.

Será que de todos esses se possa dizer lhes faltar a "limpidez" das fisionomias saxônicas, exaltada, no seu diário, por Lima Barreto, e a chegar, nessa exaltação, quase ao extremo de um discípulo de Gobineau ao escrever dessas fisionomias, em contraste com as dos brancos brasileiros imperfeitos, como bran-

cos, em comparação com os consagrados como anjos pelos pré-rafaelitas: "há alguma coisa de primitivo nelas, de um primitivo sem selvageria, um sentimento do além, do desconhecido, de anjos delicados". Branquíssimo supremo ou perfeito, além de estético, místico, o ideal, para Lima Barreto. Branquíssimo que terá havido em Tobias Barreto: no seu germanismo desdenhoso de europeus não-germânicos. O que sugeri certa vez, em conversa, a Roger Bastide, tendo ele adotado a sugestão.

Quando a Lima Barreto, individualmente, brasileiro mestiço de negro, assinalava sentir-se "condenado a ser sempre tomado por contínuo", seria inexato dizer-se dessa impressão de ser sempre tomado por "contínuo", e não-intelectual, letrado, jornalista, que ele a comunicava pelo puro fato biológico de ser mulato? Parece que não. O que lhe desprestigiava a aparência pessoal pode-se voltar a sugerir ter sido o seu constante desmazelo de boêmio, por vezes bêbado, e, no traje, por vezes, sujo. Pois não é possível esquecer-se sua condição de homem que, morbidamente, descontroladamente, abusava de bebidas alcoólicas. Que, como o branco Poe, nos Estados Unidos, chegava a extremos de dipsomania. E bêbado, degradava-se como bêbados brasileiros do seu tempo degradavam-se, por vezes, não raros desses intelectuais brasileiros brancos dessa época — um Alfredo de Carvalho, por exemplo — de excelente origem eurogermânica e esmerada educação européia à altura de suas inteligências.

Também, entre outros intelectuais ilustres dos dias de Lima Barreto, e decerto por ele conhecido, havia um acaboclado Capistrano de Abreu que, por vezes, se encervejava em excesso. Que não cuidava do asseio pessoal. Mas sem ir aos extremos a que parece ter chegado, neste particular, mais de uma vez, Lima Barreto e dos quais resguardava-se meu amigo Antônio Torres, com quem, várias vezes, bebi uísque em Londres e cerveja em Hamburgo e em Berlim: Torres sempre elegante como um inglês.

Pelo diário íntimo de Lima Barreto, vê-se que não deixava de haver no grande romancista — sob alguns aspectos, maior que Machado: analista máximo da brasileiríssima gente dos subúrbios cariocas — um, no íntimo aristocrata intelectual, consciente de sua superioridade de inteligência. Vaidoso dela, até. Apenas lhe faltava certeza absoluta de ser o "inteligente e muito" que se supunha. Mas substituiu a falta de certeza absoluta, neste particular, por uma quase certeza. Quase certeza que parece o ter compensado um tanto das angústias e solidões que o affigiram. Não só a de parecer, a muitos, "contínuo" mas a de sentir-se longe daquela aparência ideal, não de branco simplesmente branco mas de supremo branco saxônico. De branco angélico. Angélico capaz de o tornar — como tornou — quase literalmente homossexual: diante daquele marinheiro anglo-americano que particularmente o impressionou pela beleza de anjo pré-rafaelita. E

em quem, se soubesse a língua inglesa e o abordasse, talvez descobrisse um pouco inteligente e, talvez, muito ignorante e banal bonito louro.

Convicto parece ter se tornado Lima Barreto de, como Machado de Assis — o “mulato inglês” das anedotas contadas a seu respeito à boca pequena — poder superar a inferioridade dos mestiços proclamada pelos Le Bons franceses e Ingenieros argentinos, como autor de obra literária capaz de alcançar consagração européia. Daí ter como que se refugiado na sua obra de ficção como num reduto: sua defesa contra sua condição inferiorizante de mestiço doente. Daí ter passado a fazer de conta ser, como romancista, uma espécie de mulato russo, como o outro, mulato inglês. Daí, talvez, como romancista, ainda um tanto à maneira de Machado de Assis com relação a ingleses, ter criado personagens quase parentes pobres de eslavos personagens de romancistas russos. Personagens de romances sociais russos, sempre muito nacionalmente russos. Os de Lima Barreto, alguns deles, muito nacionalmente brasileiros. Suburbanamente brasileiros. Nada subfranceses nem subingleses; e sim, muito castiçamente, nacionalmente, nacionalisticamente, brasileiros. Como a desejar patrioticamente, o romancista Lima Barreto, que os adeptos de Le Bon, diante desses seus personagens brasileiríssimos — um Policarpo Quaresma ou um Gonzaga de Sá — se sentissem obrigados a concluir: “mas, sim senhor, esse Policarpo e esse Gonzaga são pequena classe média da melhor, gente superiormente ética: honrados, inteligentes, bons, compreensivos”, superiormente críticos dos dominadores do seu Brasil”. Era Lima Barreto a resguardar-se, por trás desses seus personagens, quase todos suburbanos, humildes, da suspeita de não enxergar positivos na gente brasileira, mestiçada ou não, pobre.

Retrospecto histórico-jornalístico — jornalismo e história quase sempre bem ilustrados embora, por vezes, prejudicados, em seus textos, por ignorância ou por má fé de redatores — é *Nosso Século, a Memória Fotográfica do Brasil do Século XX*: feliz, até certo ponto, iniciativa da Editora Abril Cultural, recorda no seu número 42, referente ao período 1910-1930 da vida brasileira, atitudes de brasileiros desses dias. Nas palavras do retrospecto histórico-jornalístico, baseadas em informes colhidos em fontes jornalísticas: “no final do século XIX, o pessimismo com relação à nossa gente era a tônica da intelectualidade brasileira. Autores como Oliveira Viana e Nina Rodrigues deploravam nosso atraso, nossa inferioridade étnica, louvando a “raça superior branca que construía a Europa”.

No início do século XX, haveria, segundo o retrospecto, alguma alteração de perspectiva: o pessimismo seria sucedido por um ufanismo que passou a idealizar o Brasil. Mas o tipo ou o modelo principalmente seguido para essa idealização, o ariano, o europeu. “Negros e mulatos ficavam excluídos”, registra o retrospecto da Abril Cultural.

Com a Primeira Grande Guerra, teria se verificado — ainda segundo esse retrospecto — nova mudança de enfoque. Desta vez, desencanto da parte de não poucos brasileiros com a Europa. Começo de nacionalismo econômico a fazer-se acompanhar de aspirações de emancipação intelectual. E é ainda o retrospecto que sugere, à base de fontes da época — fontes jornalísticas — que a mais arrojada inteligência brasileira teria passado a procurar encontrar-se com a realidade brasileira.

É quando surge pioneiramente, como antecipação desse encontro, Lima Barreto, com o seu grande *Triste Fim de Policarpo Quaresma*: um Major Quaresma a desejar a transformação social — e não apenas política — do Brasil. Livro aparecido em 1915, nele o autor critica as elites brasileiras de então. Obra, nesse sentido sob alguns aspectos, revolucionária sem exprimir sectarismo ideológico: nova linguagem e nova maneira de um livro ser literário. Nova forma de crítica social, que seria seguida, em 1918, por *Urupês*, de Monteiro Lobato. Talvez se possa dizer dos dois livros, tão diferentes dos até então considerados brilhantemente literários, segundo aquela definição de literatura oferecida pelo ilustre acadêmico Afrânio Peixoto — “literatura, sorriso da sociedade” — que eram não só uma nova linguagem como o começo de uma crítica social, também diferente da vinda, no Brasil, em termos literariamente clássicos, embora já com antecipações notáveis, de Gregório de Matos e de Padre Antônio Vieira. Uma crítica social, a de Lima Barreto, já envolvendo começo de análise ou de interpretação sociológica do Brasil, não por sociólogo adventício — algum discípulo passivamente subeuropau de Le Bon — mas por escritor genuinamente brasileiro. Por escritor literário brasileiro sensível a provocações sociais.

Pioneiro de um tipo social de escritor literário, com um romance social em torno de assuntos os mais brasileiros, foi decerto Lima Barreto, sem se desprezarem antecipações como a de Aluísio de Azevedo, a de Raul Pompéia, a de Inglês de Souza, a de Júlio Ribeiro. Viria depois, o já citado Monteiro Lobato, com os seus contos, também eles, sociais e, ao mesmo tempo, brasileiros. Ecológicos, até. Mas de menor vigor criativamente literário.

Como viria a dizer de exemplos mais evidentes de aliança de literatura com sociologia, o também já citado crítico literário Lewis A. Coser, no livro por ele inteligentemente coordenado, *Sociology through Literature*, as abordagens literárias, através de intuições artísticas, podem conduzir o escritor a saberes e teorizações sociológicas: cientificamente sociológicas, até. Microsociologicamente sociológicas: sendo sociologia científica, sem deixar de ser expressão literária, como, em francês, o ensaio de Durkheim sobre o suicídio; e, antes dele, a análise de Taine, da França contemporânea; em alemão, ensaios sociológicos de Simmel, inclusive o consagrado à moda; e, em português, *Os Sertões*, de

Euclýdes da Cunha – quase sociologia de espaço e gente rurais, dentro de ostensiva criação literária.

Como adverte Coser, “the dry bones of social theory” – “os ossos secos da teoria social” – podem ser revestidos por “living and plastic tissue”: por “vivo e plástico tecido”. Para esse crítico superiormente idôneo e com preocupações didáticas que é Coser, o estudante lido em Dickens com relação a Londres ou em Balzac com relação a Paris, compreenderá melhor que o necessitado dessa iniciação literária, a sociologia urbana em profundidade que se encontra nos sociólogos específicos Simmel, Park e Mumford. Poderia ser dito de Simmel e Mumford que, neles, os sociólogos são completados por escritores literários.

Em Afonso Henriques Lima Barreto há uma expressão, em termos literários, de crítica social já quase sociológica. Uma quase sociologia dentro de uma das melhores expressões literárias de escritor brasileiro de qualquer época, a constituírem uma das mais completas alianças de quase ciência social com arte literária da mais forte, confirmando a observação do já mais de uma vez citado autor de *Sociology through Literature*: que “the life of art illuminates the social life of man”. Ou seja: “a vida da arte ilumina (pela literatura) a vida social do homem”. O que não significa que todo sociólogo ou antropólogo ou psicólogo social precise de ser escritor literário para ter valor efetivo. Mas é decerto combinação ideal a do cientista social dotado de capacidade artística ou literária tanto quanto a do escritor literário, por sua vez, capaz de ver, analisar, interpretar situações sociais, como se fosse, por sua conta, um quase cientista social a seu modo: através mais de intuições e percepções do que de observações e análises cientificamente disciplinadas ou metodizadas.

Lima Barreto foi o que, à sua maneira, excelentemente combinou. Vivente e convivente – como negação do intelectual, do homem de letras, sobretudo, do beletриста, só de gabinete – foi, em grande parte, autobiográfico. Mas principalmente empático.

Sua figura humana está magistralmente biografada – acentue-se sempre – por um dos maiores escritores brasileiros dos nossos dias: Francisco de Assis Barbosa. E teve em Agripino Grieco, em Alceu de Amoroso Lima, em Eugênio Gomes e em Afrânio Coutinho críticos que souberam se antecipar em situá-lo nas letras brasileiras entre os maiores ficcionistas da língua portuguesa. Mestre Afrânio Coutinho, ao identificar no autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) um – fundamentalmente – crítico social, concordaria com Eugênio Gomes em ter Lima Barreto começado “a praticar a literatura em função do jornalismo e do panfleto”, com isto chegando a afetar “a obra romanesca”. Mas em compensação, comunicando à expressão literária “ingredientes humanos” que a

vitalizaram, através de uma constante: "a pintura dos humildes, a gente do povo, a classe dos burocratas espezinhadados, dos mestiços suburbanos". Com relação a estes últimos, com evidente vivência pessoal. A vivência do mestiço suburbano: a condição social talvez condicionando tanto o *status* étnico como o *status*, a condição social inferiorizada por circunstâncias de, basicamente, suburbano pobre: negro, mestiço ou branco. Nessa vivência autobiográfica, Lima Barreto pode ser comparado a Wrights e Jones estadunidenses, a nenhum dos quais foi inferior em vigor literário. Ao contrário: superior.

Sempre — é destaque que me parece definir o escritor a princípio jornalista, em Lima Barreto — vivente e convivente. Agripino Grieco recorda desse carioca suburbano que depois de beber sua aguardentezinha, dirigia-se "para a estação de estrada de ferro e aí metia-se democraticamente no carro de segunda classe. Parecia estar sempre cochilando na viagem e, no entanto, via tudo, ouvia tudo . . . Ali estava a gente predileta do romancista, a sociedade instável de que esse pequeno Balzac mestiço escrevia a comédia suburbana".

E para Grieco, com esse escritor voltado para tais assuntos, o Rio começou a contar, nas palavras exatas do mesmo Grieco, com um "animador de vidas", ao mesmo tempo "anedotista" e — antecipação de Grieco — "sociólogo". Ao que se pode acrescentar: ter surgido em Lima Barreto um Machado de Assis, não de ricos, mas de pobres. Sem o apuro de expressão artística de Machado, é certo. Porém com um poder de percepção psicológica semelhante ao do também mestiço Machado. Um Machado talvez superior, por essa percepção, a quase todos os demais romancistas até hoje produzidos pela América Latina. A quase todos, dentre os saídos da América Inglesa. Destes, só um Henry James, um Faulkner e, é possível, que um John Dos Passos, terão sido, neste particular — a percepção com alguma coisa de genial — a mesma apurada capacidade do afro-brasileiro Machado de Assis. Uma percepção que, talvez menos apurada, — menos sutil — não faltou a Lima Barreto, superior, entretanto, a Machado, por sua mais constante imersão num Brasil mais brasileiroamente diferente de seus modelos europeus. Mais sentido em suas raízes não-européias dentro das européias. Mais brasileiro nos subúrbios que nos centros urbanos.

Sentindo-se escritor criativo — além de "inteligente e muito" — Lima Barreto teve a fraqueza de insistir em ser membro da Academia Brasileira de Letras. A Academia de então rejeitou-o. Há simplistas que têm concluído dessa rejeição: "preconceito de raça: rejeição ao homem de cor". De modo algum: simples incompreensão ou intolerância das asperezas do crítico social que foi Lima Barreto. Incompreensão das incorreções de sua expressão literária por puristas acadêmicos. Incompreensão do que nele se afastava de convenções. Pelas mesmas incompreensões, a Academia da mesma época, rejeitou o branco Gilberto

Amado. Rejeitou o branco Pontes de Miranda. Teria rejeitado Lima Barreto, mesmo sob o aspecto do pré-rafaelitamente alvo, louro, angélico, que ele desejou ser.

